



PULSÃO DE SABER E ASTRONOMIA – UM OLHAR PARA AS DESCOBERTAS DO MUNDO A PARTIR DA INFÂNCIA

PULSE OF KNOWLEDGE AND ASTRONOMY - A LOOK AT THE DISCOVERIES OF THE WORLD FROM CHILDHOOD

Gleici Kelly de Lima¹, Mario Ferreira Resende², Rodolfo Langhi³

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – campus Bauru / Faculdade de Ciências / Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência/ Observatório Didático de Astronomia “Lionel José Andriatto”, g.lima@unesp.br

² Instituto Federal Catarinense – campus Blumenau, mario.resende@ifc.edu.br

³ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – campus Bauru / Faculdade de Ciências / Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência/ Observatório Didático de Astronomia “Lionel José Andriatto”, rodolfo.langhi@unesp.br

Resumo: *Este é um trabalho teórico com enfoque na teoria freudiana e benjaminiana, a primeira, mais especificamente, nos conceitos de pulsão de saber e sublimação, a segunda, sobre limiar e experiência. Referenciais estes que nos auxiliaram no estudo sobre o que pulsiona a criança querer aprender sobre a Astronomia. Para chegar aos vestígios desta questão dividimos o texto em três partes: i) Criança linguagem - experiência e infância; enfocamos sobre a concepção de infância e como esta se relaciona com a curiosidade e experiência no apreender da Astronomia; ii) Astronomia e pulsão de saber - onde a busca começa; aqui trazemos mais especificamente o conceito de sublimação para Freud até desembocar na Pulsão de Saber, e por fim, iii) Astronomia na experiência - limiares possíveis, que dialoga os dois referenciais para refletir sobre essa busca e curiosidade infantil e como podemos pensá-la na Educação em Astronomia.*

Palavras-chave: Infância; Astronomia; Pulsão de Saber; Experiência.

Abstract: *This is a theoretical work focused on Freudian and Benjaminian theory, the first, more specifically, in the concepts of pulse for knowledge and sublimation, the second, about threshold and experience. These references helped us in the study about what drives a child to want to learn about Astronomy. To get to the traces of this question we divided the text into three parts: i) Child language - experience and childhood; we focus on the conception of childhood and how it relates to curiosity and experience in apprehending Astronomy; ii) Astronomy and the drive to know - where the search begins; we bring more specifically the concept of sublimation Freud until it ends in the Drive to Know, and finally, iii) Astronomy in experience - possible thresholds, which dialogues the two references to reflect on the search and curiosity and think about it in Astronomy Education.*

Keywords: Childhood; Astronomy; Pulsion to Know; Experience.



A QUE VIEMOS?

A questão primordial que orienta essa escrita¹ é: o que pulsiona a criança a querer aprender sobre o universo? Tal proposta nos levou à relação teórica psicanalítica freudiana em diálogo com o referencial benjaminiano acerca da experiência e limiar, bem como a compreensão de criança linguagem.

Dialogando com a Astronomia, buscando os vestígios da vontade de querer saber das crianças, desde sua não palavra o *in-fante* até o reconhecimento da sua potência de querer saber, que tanto nos assombra quando olhamos para as crianças e adultos que se encantam com esse campo do saber. O que esperar daqueles que historicamente inserimos no lugar do silêncio? Não é de hoje que a conceitualização em torno da infância surge como emergência para as reflexões acerca da condição humana. Ao se propor qualquer relação com o saber, o modo como as crianças aprendem, ou, como a sociedade se organiza, estamos necessariamente já abordando infância[s] e, claro, repetidamente inserindo a criança, ora à margem, ora ao centro, mas ignorando seu lugar de transitoriedade, de limiar no constructo social, lugar esse de palavra cheia e de significado que emerge daquilo que para nós é resto, é irrisório, porém, para a criança é vida. Os limiares são os lugares em que as palavras das crianças podem ser ditas e seus silêncios escutados.

Nossa escuta toma conta dos espaços que buscamos preencher, ensinar, passar, inserir nas crianças, não de reconhecimento da falta ou do quanto somos 'apreendentes' dos seus olhares despretensiosos para a natureza, para com o outro e principalmente para as mazelas da vida. A criança observa e se interroga naquilo que para nós é totalidade, mas que, para elas, representa possibilidades de nova ordem, novos cosmos, aberturas de novas fissuras, de reconhecimento, como bem nos aponta a Astronomia, da nossa pequenez primordial. O corpus teórico já fora delimitado e a seguir inicia-se a primeira paragem, no que tange a concepção de infância que propomos nessa alçada teórica.

CRIANÇA LINGUAGEM: EXPERIÊNCIA E INFÂNCIA

Historicamente, a criança é o lugar do não falar, o *in-fans*, aquele animal monstruoso “[...] no sentido preciso de que não tem nem rugido, nem canto, nem miar, nem latir, como os outros bichos, mas que tampouco tem o meio de expressão próprio de sua espécie: a linguagem articulada” (GAGNEBIN, 1997, p. 172). Na percepção benjaminiana a criança é travessa, que irrompe as regularidades cotidianas, que insere a palavra no não dito. Assim, a autora insere em cena o conceito de **Experiência**, necessário para nos debruçarmos em torno das apropriações dos saberes na infância. O que interessa nessa acepção, oriunda dos estudos de Benjamin (2009), é tentar organizar uma certa experiência com a infância: “[...] essa experiência é dupla: primeiro [...] é a experiência daquilo que poderia ter sido diferente, isto é, releitura crítica do presente da vida adulta.” (GAGNEBIN, 1997, p. 181).

¹ Este trabalho é um recorte da tese de doutoramento em andamento da autora principal, é parte do capítulo teórico.



Segundo, evidencia a desorientação, a desenvoltura das crianças com relação aos adultos. Ela mostra justamente o desajuste humano, apontando uma verdade que ninguém quer ouvir ou ver, uma verdade política que percorre as nuances do cotidiano, da fome, da miséria, das mazelas da vida ao vitral esquecido. Essa incapacidade de entender certas palavras, ou de “[...] manusear direito certos objetos também recorda que, fundamentalmente, nem os objetos nem as palavras estão aí somente à disposição para nos obedecer, mas que nos escapam, nos questionam, podem ser outra coisa que nossos instrumentos dóceis.” (GAGNEBIN, 1997, p.182).

Desta maneira, tornam-se necessárias as aberturas de diálogos da educação, acerca das reflexões sobre o infantil na Astronomia, por nos fazer refletir justamente o início dos processos de nos tornarmos humanos, de ver e ouvir os dizeres infantis e, assim, poder estudar sobre os processos de letramentos nessa área. Não podemos nos furtar de aprender a experienciar o inútil, tal qual as crianças o fazem, de profanar os lugares sagrados do esquecimento, de buscar o longínquo e de desbravar as fronteiras do visível com a Astronomia. Isso requer se deixar atravessar os mares da incerteza e precisar justamente a caminhada, a travessia pelo desconhecido, aprender com as crianças as várias facetas do olhar, do medo, do terror, compreender a relação com o povo a partir dos brinquedos e dos brincares.

Qual curiosidade foi necessária para irromper esse corpo que fala e que deseja descobrir o mundo? Para responder tal indagação, precisamos inserir na discussão outro conceito importante da compreensão benjaminiana, o de **Limiar**. De acordo com Gagnebin (2014, p. 36), “[...] registro de movimento, registro de ultrapassagem, de “passagens”, justamente de transição [...] o limiar não faz só separar dois territórios (como a fronteira), mas permite a transição, de duração variável, entre esses dois territórios”. Quando as crianças são autorizadas a buscar seus limiares, seus pontos de fuga, de imaginação, de criação, de irromperem os restos dos adultos e torná-los seus, é que talvez consigamos perceber a infância que fala mesmo que ninguém a escute.

Esse é o lugar da Astronomia, o lugar da surpresa, do distante, do estranho. As experiências astronômicas das crianças, com as quais nada sabemos como alcançar, é que talvez possamos nos deparar com as crianças experienciando a Astronomia, propondo momentos auráticos, como suscita Benjamin (1984), aqueles que nos tiram do real e do qual ninguém mais pode alcançar além de si naquele exato momento, e qualquer representação do mesmo já perde o sublime, o distanciamento necessário para experienciar esse limiar.

A criança supera o saber de si, que é centrado e egocêntrico, para um saber do outro, do mundo do impossível. Freud (2013) chama-nos a refletir justamente sobre essa pulsão de querer saber, de onde desponta essa investigação sobre o saber na criança, o que nos interessa justamente para entender esse lugar da experiência, do limiar na astronomia, que parte dessa vontade tamanha, dessa libido transformada em curiosidade de saber. A seguir, aprofundamo-nos no conceito de pulsão de saber, mais especificamente, no início do termo em Instinto de saber e pesquisa infantil.



ASTRONOMIA E PULSÃO DE SABER: ONDE A BUSCA COMEÇA!

Para Freud (2013), a relação do saber infantil está diretamente ligada às pulsões sexuais infantis, apontando a dificuldade de justamente explicar os instintos de pesquisa como algo que se correlaciona a esses interesses sexuais, principalmente no que compete à infância, quando não lhe atribuímos nem seriedade aos que nos questionam, nem seriedade aos instintos sexuais que geram questionamentos.

[...] A ânsia de saber das crianças pequenas é atestada por seu incansável gosto em perguntar, que para um adulto é algo incompreensível enquanto não percebe que todas as perguntas são apenas rodeios, que não podem ter fim porque substituem uma só pergunta que a criança não faz. Quando a criança fica maior e mais judiciosa, é frequente a cessação repentina dessa manifestação da ânsia de saber. Uma explicação plena é fornecida pela investigação psicanalítica, que nos ensina que muitas, talvez a maioria das crianças — as mais dotadas, em todo caso —, atravessam, a partir dos dois anos de idade, um período que podemos designar como o da pesquisa sexual infantil. (FREUD, 2013, p. 99).

Essa vontade de saber, pesquisar e procurar não é algo espontâneo, geralmente está relacionado, como ilustra Freud (2013), ao nascimento do irmão, real ou receado, ou na busca por evidências de como chegaram ao mundo. As crianças se recusam a acreditar, em sua maioria, na fábula da cegonha, por isso, questionam as informações recebidas, buscando, com isso, os primórdios da sua autonomia intelectual, elaborando novas hipóteses de nascimento, de chegada ao mundo, já que os adultos não se dão ao trabalho de lhes explicar essa dúvida. Contudo, como seu próprio desenvolvimento sexual não está finalizado, a pesquisa “[...] sobre a origem das crianças fica sem resultados e é abandonada. A impressão deixada por esse malogro no primeiro teste de independência intelectual parece ser duradoura e bastante deprimente.” (FREUD, 2013, p. 100).

Quando esse período de busca na infância é encerrado, Freud (2013) pontua que há três possibilidades para destinar o instinto de pesquisa, que são formadas aprioristicamente naqueles interesses sexuais iniciais delimitados anteriormente. Primeiro, tal qual a sexualidade a pesquisa também é cessada, inibindo toda possibilidade de busca, de pesquisa, limitando-a durante toda a vida, com o auxílio moralizante, tanto da religião quanto da educação, uma característica denominada pelo autor de inibição neurótica.

Depois, outra possibilidade, o desenvolvimento do instinto de pesquisa é tão forte que resiste à repressão sexual imposta e ajuda a criança a contornar a própria repressão². Freud (2013, p. 101) esclarece que essa pesquisa suprimida volta como compulsão, distorcida, “[...] mas forte o suficiente para sexualizar o pensamento mesmo e tingir as operações intelectuais com o prazer e a angústia dos processos sexuais propriamente ditos”. Do mesmo modo, a pesquisa sexual se torna a atividade sexual, “[...] mas o caráter interminável da pesquisa infantil se repete igualmente no

² São processos inconscientes.



fato de que esse ruminar não tem fim, de que a desejada sensação intelectual de encontrar uma solução sempre recua no horizonte.” (FREUD, 2013, p. 101).

Já a terceira desembocadura acontece na repressão da libido, em que se sublima o instinto sexual, juntando-o ao instinto de pesquisa. Contudo, como são processos diferentes, a sublimação possibilita o instinto de pesquisa operar livremente, mesmo que parta do interesse sexual. São passagens distintas que permitem a criança continuar se questionando:

Também aí a pesquisa se torna, em certa medida, compulsão e sucedâneo da atividade sexual, mas, devido à completa diferença entre os processos psíquicos subjacentes (sublimação em vez de irrupção desde o inconsciente), o caráter de neurose está ausente, não há mais vínculo com os originais complexos da pesquisa sexual infantil e o instinto pode operar livremente a serviço do interesse intelectual. Ao evitar ocupar-se de temas sexuais, ele ainda leva em conta a repressão sexual, que tanto o fortaleceu mediante o acréscimo de libido sublimada. (FREUD, 2013, p. 102).

Nesse sentido, como evidenciou o discurso lacaniano, não podemos negar o corpo linguagem, quiçá o corpo que pulsa. Nos enredos freudianos, é essa criança que transforma algo seu para algo do Outro, na qual nos debruçamos. Falar de imaginação e criação é trazer justamente esse corpo latente que quer se descobrir, se fazer nascer, que busca o lugar primordial da vida. Com o tempo, essas questões do eu se transformam justamente nas questões do Outro, da natureza, do universo, sendo o estopim necessário para elucubrarmos o interesse da criança na astronomia.

Mas o que é esse corpo que pulsa? Para Freud (2016), como observamos aprioristicamente, ao crescer juntamente com a civilização, mesmo no ocultamento do corpo, da sexualidade infantil, a criança mantém desperta a curiosidade sexual, a qual desvela o objeto sexual de outras maneiras. Esse aspecto é compreendido pelo autor como **Sublimação**. Por exemplo, sublima-se essa pulsão para as artes, para as ciências, ou seja, transforma-se uma pulsão velada em algo possível de ser visto. Para o autor,

Os historiadores da civilização parecem concordar em supor que, desviando-se as forças instintuais sexuais das metas sexuais para novas metas - um processo que merece o nome de sublimação - adquirem-se fortes componentes para todas as realizações culturais. Acrescentaríamos que o mesmo processo ocorre no desenvolvimento do indivíduo, e situaríamos o seu começo no período de latência sexual da infância. (FREUD, 2016, p. 81).

Ao abordar sobre “A pesquisa sexual infantil”, Freud (2016) explica o conceito de Instinto de saber, a Pulsão de Saber: ao mesmo tempo que flui a curiosidade de si, de onde veio, como veio para o mundo, “[...] o instinto de saber não pode ser incluído entre os componentes instintuais elementares nem ser subordinado exclusivamente à sexualidade.” (p. 103). A psicanálise nos ensina, dessa maneira, que a vontade de saber das crianças está diretamente relacionada com questões sexuais, o que aponta para a relação do inconsciente necessária à compreensão psicanalítica, já que não se tem falado sobre processos tomados do eu, mas do não controle do eu. Esse Saber implica o saber da castração. Essa curiosidade, que emerge no campo da palavra da pulsão freudiana, possibilita, assim, a virada ontológica que dá sentido à relação da sexualidade infantil, que no fim chega à ideia desse inconsciente.



A seguir, propomos uma reflexão acerca da junção das interlocuções teóricas sobre limiar, experiência e pulsão de saber, a fim de desembarcarmos na noção de infância linguagem, necessária à apreensão da Astronomia como constructo humano que auxilia justamente na elaboração desses lugares de trânsito requeridos para o encontro da criança com a palavra.

ASTRONOMIA NA EXPERIÊNCIA: LIMIARES POSSÍVEIS

Partindo da relação conceitual freudiana entre pulsão de saber e sublimação, voltamos novamente o olhar a essa infância que funda uma experiência constante no ato da linguagem, transformando os indivíduos em sujeitos. É isso o que nos torna humanos, a busca pelo inútil. Quem mais olharia para o céu e se encantaria pela sua magnificência, e da sua insignificância, humanos, olhamos e ainda ansiamos por ensinar a olhar, e mais do que isso, a observar, a questionar-se sobre o Universo e a encontrar, em meio, ao caos, uma exímia beleza. Na visão de Caniato (2013, p. 12), mesmo a terra insignificante com relação a escala de outros astros do universo, “[...] nos proporciona a possibilidade de contemplar a beleza do céu e entender um pouco das grandes interrogações que ele nos sugere. Daqui, de nossa Terra, podemos, sobretudo, desfrutar o supremo e efêmero bem que é a vida”.

Assim, Freud (2011, p. 37) apontou sobre como a sociedade tem buscado a civilidade nas coisas absolutamente inúteis de tempos atrás: “Logo notamos que a coisa inútil, que esperamos ver apreciada na civilização, é a beleza. Exigimos que o homem civilizado venere a beleza, onde quer que lhe surja na natureza, e que a produza em objetos, na medida em que for capaz de fazê-lo”. A beleza, mencionada pelo autor, está relacionada às profundezas do humano, do inconsciente, do descontrole, da criança que pulsa e que quer saber do mundo. Essa criança que aponta a pulsão sexual e que, mesmo inconsciente, sublima e busca no belo, no curioso, no abismo aquilo que nunca conseguiu encontrar em si. Esse eu cindido, barrado, sempre em falta, percebe que a falta é que o mantém desejando. Essa busca contínua de querer saber dos astros, dos rastros, daquele saber desprezioso, esbarra nos limiares, nas passagens, nas transições e nos insere na busca de querer saber da Astronomia e de tantas outras áreas do conhecimento, colocando em xeque as nossas certezas.

Agamben (2005), ao trazer a noção de história, de tempo atual e de que a experiência essencial ao humano é a do prazer. Esse último que faz de cada instante um momento completo e inteiro. A experiência de tempo no prazer emerge como algo incomensurável. É nessa experiência incomensurável que introduzimos o intercâmbio com a Astronomia, sendo um lugar do qual a criança encontra o seu tempo na infância e do qual nós precisamos compreender, mesmo que minimamente, a grandeza desses lugares ocupados pela palavra da criança, os quais, por vezes, optamos por moralizar, educar e cindir, mas que carecem, na verdade, do deixar buscar novos lugares limiares, novas experiências possíveis das quais a Astronomia pode possibilitar.

Este talvez seja um desfecho deste texto: em que momento percebemos esse tempo da infância na relação com a Astronomia e da qual não podemos ensinar, mas sim aprender com elas, as crianças, a olhar o invisível? Essa reflexão será retomada em outras escritas, pois, propomos reflexões iniciais que não se esgotam aqui, mas



que fomentam outros questionamentos sobre a infância, a Astronomia, a pulsão de saber, a experiência e o limiar.

Propomos, ainda, mais um questionamento: de que maneira podemos incentivar, permitir ou possibilitar limiares e experiências a partir das discussões anteriores no que concerne à Astronomia? Nesse interlúdio, podemos abranger a educação científica, que insere as crianças às linguagens da Astronomia e aos seus próprios limiares. Pelo brincar, pelo representar e pelo criar, permitimos que as crianças vivam suas experiências pela linguagem. Para Agamben (2005, p.58),

[...] a constituição do sujeito na linguagem e através da linguagem é precisamente a expropriação desta experiência «muda», é, portanto, já sempre «palavra». Uma experiência originária, portanto, longe de ser algo subjetivo, não poderia ser nada além daquilo que, no homem, está antes do sujeito, vale dizer, antes da linguagem: uma experiência «muda» no sentido literal do termo, uma infância do homem, da qual a linguagem deveria, precisamente, assinalar o limite.

Ao assinalarmos a criança fundada na linguagem e, assim, histórica, necessitamos perceber o educar da Astronomia nesse lugar de apropriação do mundo pela infância, quando parte da pulsão de saber e alcança caminhos possíveis para responder às suas questões primordiais. Freud (2013), ao se propor analisar psicanaliticamente um vestígio da escrita de Leonardo Da Vinci, auxilia-nos a pensar justamente a infância, a criança transgressora que busca incansavelmente pelos limiares e pelas experiências, tornando-se artista, cientista, astrônoma, professora, além de permitir que permanecem em situações que lhes possibilitam experiências, na busca de significar aquilo que lhe era tão distante. Freud (2013, p. 97) explica:

Quem começa a ter ideia da grandeza e complexidade do mundo facilmente perde de vista seu pequenino Eu. Imerso em admiração, tomado de humildade, facilmente esquece que é ele mesmo um fragmento das forças atuantes e que pode tentar, na medida de sua força pessoal, modificar uma mínima porção do inevitável curso do mundo, desse mundo em que, afinal, o pequenino não é menos maravilhoso e significativo do que o grande.

Nesse diálogo com Freud, propomos a reflexão com a criança que se encanta com o belo, com o estranho, o esquisito, o mágico. Nesse encontro com a infância, o autor relaciona justamente a ânsia pelas viagens afora que a Astronomia incita, a grandeza que procuramos fora, que está ali, nas entranhas dos sonhos mais estranhos das crianças, os quais despertam também o medo e o terror. Não podemos nos esgotar em buscar as linhas das quais as facetas da infância nos tencionam; precisamos justamente propor a escuta e o deixar falar daqueles que aprendem pelo mundo o gosto de fazer sempre de novo, de contradizer e deslocar de lugar os sentidos primeiros. Na ótica de Benjamin (1984, p. 74-75),

Um tal estudo deveria finalmente partir da lei fundamental que, antes de todas as regras e leis particulares, rege a totalidade do mundo do brinquedo: a lei da repetição. Sabemos que para a criança ela é a alma do jogo; que nada alegra-a mais do que o “mais uma vez”. O ímpeto obscuro pela repetição não é aqui no jogo menos poderoso, menos manhoso do que o impulso sexual no amor. E não foi por acaso que Freud acreditou ter descoberto um “além do princípio do prazer” nesse ímpeto. E, de fato, toda e qualquer experiência mais profunda deseja insaciavelmente, até o final de todas as coisas, repetição e retorno, restabelecimento de uma situação primordial da qual



nasceu o impulso primeiro [...] Não se trata apenas de um caminho para tornar-se senhor de terríveis experiências primordiais, mediante o embotamento, juramentos maliciosos ou paródia, mas também de saborear, sempre com renovada intensidade, os triunfos e vitórias [...] A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito.

É por isso que este texto se erige, quando tenta dialogar sobre a criança pulsão, que rasga as ordens, cria o novo dos avessos e interliga planetas e estrelas, que demarca justamente o saber da educação em Astronomia necessário para pensarmos as ações para as crianças, que reconhecamos nelas a potência do mundo, pois, ali, na demanda mais primitiva do desejo, de querer saber de onde veio, surgem as maiores possibilidades de transitar e experienciar o mundo. Quem sabe essa infância clama para que a vejamos como criança linguagem, histórica, que se encontra nos limiares e nos desmonta a contrapelo do que a tempos a educação vem propondo como sem luz, sem palavra. Quem sabe possamos deixar desejar aqueles que são os novos buscadores de mundos e fazedores de novas ideias necessárias, para desmontar a ordem do capital que corrói toda errância transitória que o cosmos nos propõe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões**: a criança o brinquedo a educação. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. 5ª ed. São Paulo: Summus, 1984.

CANIATO, Rodolpho. **(Re)descobrimo a Astronomia**. 2. ed. Campinas: Átomo, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. 1.ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Trad. Paulo César de Souza. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci (1909-1910). In: FREUD, S. **Obras completas, volume 9**. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.